

DE SÃO PAULO A BARCELONA (E OUTROS ITINERÁRIOS): GENTRIFICAÇÃO E REVITALIZAÇÃO NAS CIDADES

Emerson César de Campos

Professor Doutor da Universidade do Estado de Santa Catarina

E-mail: emecampus@yahoo.com.br

As cidades e suas urbanidades, em diferentes áreas deste mundo, agora chamado de “aldeia global”, enfrentam, em escalas também distintas, fenômenos que têm uma historicidade recente, quando muito, em sua fase madura, de duas ou três décadas. Revitalização e Gentrificação são exemplos destas manifestações contemporâneas às quais se expõem as cidades: de São Paulo a Barcelona, desta a Bruxelas ou à Cidade do México. Tais temas, entre outros, são abordados no excelente livro *De Volta à cidade*, organizado por Catherine Bidou-Zachariassen, na tradução competente da urbanista Helena Menna Barreto da Silva, publicado no Brasil há dois anos pela Annablume.

Catherine Bidou-Zachariassen é socióloga. Atualmente, dirige o Instituto de Pesquisa Interdisciplinar em Sociologia, Economia e Ciência Política, vinculado ao Centro Nacional de Pesquisa Científica da França (CNRS), sendo ainda membro do comitê de direção da revista *Espaces et Sociétés*. Para além das credenciais qualificadas que apresenta, a socióloga francesa consegue em *De Volta à Cidade* articular diferentes olhares sobre os efeitos postos nas cidades no contemporâneo, a partir da requalificação de seus centros antigos. Mote de estudos de urbanistas, antropólogos, sociólogos, as cidades, de modo mais intenso, apenas recentemente vêm sendo estudadas pelos historiadores. Estes, agora mais atentos àquilo que um dos seus notáveis, Michel de Certeau, chamou de acúmulo de lugares praticados, ou seja, os espaços, vêm produzindo questionamentos quanto às formas das práticas sociais que constituem os espaços urbanos. A gentrificação parece ser o qualificativo mais inovador no que se refere às condutas cotidianas que produzem sentidos nas cidades.

A “emergência de um novo urbanismo entre a década de 1970 e os primeiros anos do século XXI, coloca a gentrificação como elemento central da compreensão da ocupação dos espaços urbanos, bem como, e especialmente, da tentativa de políticas públicas de reabilitação dos chamados centros antigos (ou históricos, em leituras mais redutoras), pensando-os enquanto possibilitadores de experiências urbanas que se globalizam, espetacularizam, exibindo suas dimensões turísticas e temáticas, em detrimento mesmo de ações voltadas à habitação. Os exemplos são inúmeros. O livro em questão, muito bem apresentado por Nuria Claver, mostra o processo de gentrificação ocorrido nas últimas décadas em Barcelona, hoje a cidade da moda na Europa¹, ou mesmo em outras que, embora não sendo discutidas no livro, seguramente se aproximam desta experiência, caso de Buenos Aires e as intervenções em Porto Madero (antiga área portuária da cidade). Também se registram processos de revitalização e gentrificação no Brasil, como os promovidos na Bahia, com o Pelourinho em Salvador, São Paulo (discutido no livro), na Estação da Luz e na Pinacoteca, Florianópolis, com as intervenções postas a partir da Praça XV de Novembro¹, no coração da cidade, ou ainda em bairros como Jurerê Internacional, João Paulo ou Saco dos Limões.

O termo gentrificação, na realidade, tem uma história complexa: desde E. P. Thompson, o historiador mais citado ao longo do século XX, que teve seu trabalho publicado no Brasil sob o título *Costumes em comum*¹, até reflexões mais recentes, como os discutidos no livro *De volta à cidade*. Apontada por muitos especialistas como uma nomenclatura produzida a partir de referências socioculturais anglo-saxãs, em realidade tal atribuição, em sua forma contemporânea, ganha corpo como elemento explicativo acionado por Ruth Glass¹ na descrição do processo mediante o qual as famílias de classe média povoaram antigos bairros desvalorizados em Londres. A gentrificação implica um conjunto de processos específicos que alteram a ocupação de áreas urbanas utilizadas por camadas populares. Ela implica uma série de transformações relacionadas à moradia, ao mercado imobiliário, à circulação de pessoas, e às formas de sentir (e perceber) as cidades.

As transformações urbanas mais contemporâneas nas diferentes cidades discutidas no livro em questão ocorrem em temporalidades distintas e com desdobramentos variados. Não é difícil imaginar que Bruxelas e São Paulo se construam de maneiras distintas. Caso fosse apenas esta a contribuição de Catherine Bidou-Zachariassen, seria algo limitado e pouco inovador. O que se pode perceber de mais vigoroso no livro são as formas como um mundo globalizado faz viver suas cidades. As divisões socioespaciais, as práticas de lugares que sedimentam sentidos e se canalizam em projetos políticos, o fluxo de pessoas, as comunicações urbanas “lá e cá”, na expressão cotidiana, e inúmeras outras manifestações.

Há uma incidência maior de que as cidades sejam des-centralizadas, ou, por assim dizer, que fiquem sem um centro único. Devido a isto, parte considerável dos chamados ‘centros antigos’ vêm sendo revitalizados por diferentes iniciativas e, sendo assim, se configuram em situações que passam a ser estudadas mais cuidadosamente por especialistas de diversas áreas. O trabalho organizado por Catherine Bidou-Zachariasen colabora para que o debate sobre as cidades no contemporâneo seja simultaneamente crítico e inovador.

Recebido em: 11/06/2008
Aprovado em: 14/11/2008